

## CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE FALANTES MACAPAENSES: UM ESTUDO SOBRE O FENÔMENO DO ROTACISMO

Lenilson de Almeida FEITOSA (UNIFAP)<sup>1</sup>  
Celeste Maria da Rocha RIBEIRO (UNIFAP)<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo apresenta análises sobre as crenças e atitudes linguísticas de moradores da cidade de Macapá/AP diante do fenômeno do rotacismo, que consiste na alternância da consoante lateral alveolar sonora [l] por um som rótico [r]. Este trabalho tem como objetivo retratar o comportamento linguístico dos falantes e suas avaliações positiva ou negativa para com o uso da referida variante. Para tanto, buscou-se suporte teórico-metodológicos nos princípios da Sociolinguística laboviana, como também em estudos que tratam das crenças e atitudes linguísticas, principalmente os advindos de Lambert e Lambert (1968), ancorados na concepção mentalista. Nesse sentido, destacam-se os estudos de Moreno Fernández (2009), Botassini (2013), Aguilera e Silva (2014), Bem (1973), dentre outros. Diante disso, foram entrevistados 08 colaboradores naturais da cidade de Macapá, estratificados na amostra: sexo (homens e mulheres); escolaridade (nível médio e superior); faixa etária (primeira 18 a 30 anos e segunda acima de 50 anos de idade). Utilizou-se como instrumento para a coleta de dados um questionário composto por 10 perguntas, as quais contemplam os três componentes das atitudes, a saber: cognitivo, conativo e afetivo. O inquérito foi desenvolvido a partir da técnica *matched guise test* ou “falsos pares”. Para a análise dos dados, adotou-se a abordagem quanti-qualitativa descritiva. Os resultados apontaram que as atitudes linguísticas dos falantes macapaenses são negativas frente a variante roticizada. Dentre os três componentes das atitudes, o conativo e afetivo mostraram-se preponderantes para esse desfecho. Com relação as variáveis sociais, as mulheres apresentaram maiores índices percentuais de atitudes negativas.

**Palavras-chave:** Atitudes linguísticas; Rotacismo; Sociolinguística; Macapá.

**Abstract:** This article presents analyzes on the linguistic beliefs and attitudes of residents of the city of Macapá/AP, in the face of the phenomenon of rhotacism, which consists of the alternation of the lateral alveolar consonant [l], with a rhotic sound [r]. This work aims to: portray the linguistic behavior of the speakers and their positive or negative evaluations regarding the use of the referred variant. Therefore, theoretical-methodological support was sought in the principles of Labovian Sociolinguistics, as well as in studies that deal with linguistic beliefs and attitudes, mainly those arising from Lambert and Lambert (1968), anchored in the mentalist conception. In this sense, the studies by Moreno Fernández (2009), Botassini (2013), Aguilera e Silva (2014), Bem (1973), among others, stand out. In view of this, 08 employees from the city of Macapá were interviewed, stratified in the sample, gender (men and women); schooling (middle and higher level); age range (first 18 to 30 years old and second over 50 years old). A questionnaire composed of 10 questions was used as an instrument for data collection, which contemplate the three components of attitudes, namely: cognitive, conative and affective. The survey was developed using the *matched guise test* or “false pairs” technique. For data analysis, a descriptive quantitative-qualitative approach was adopted. The results showed that the linguistic attitudes of

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGET da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Macapá, Amapá, Brasil. E-mail: lenilsonaf@hotmail.com

<sup>2</sup> Profa. Dra. Celeste Maria da Rocha Ribeiro/DEPLA/CCLING/PPGET/UNIFAP. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Atlas Linguístico do Amapá – Grupo ALAP Coordenadora do Projeto de Pesquisa Atlas Linguístico do Amapá – Fase II (2018 – atual) – Rodovia Juscelino Kubitschek, km 02 – Jardim Marco Zero, Macapá-AP, 68903-419. E-mail: celribeiro042002@gmail.com.

macapaense speakers are negative towards the rhoticized variant. Among the three components of attitudes, the conative and affective were predominant for this outcome. With regard to social variables, women had higher percentage rates of negative attitudes.

**Keywords:** Linguistic attitudes; Rotacism; Sociolinguistics; Macapá.

## Introdução

Os primeiros estudos realizados sobre Crenças e Atitudes linguísticas são encontrados nos trabalhos dos psicólogos sociais Lambert e Lambert (1968), e posteriormente, ratificado em Labov (2008). Labov, desde a década de 70, já sinalizava a respeito da importância do estudo desses aspectos. Botassini (2013) assevera que esses elementos contribuem para o entendimento da variação e mudança linguística, ampliam as discussões acerca de aprendizados de segunda língua, questões de prestígio e desprestígio linguístico.

Aguilera (2008) corrobora com os autores no que diz respeito à noção de identidade linguística, visto que os falantes manifestam gosto ou preferência por uma língua ou variedade. Tal fato ocorre em função do sentimento de pertencimento ao grupo ou à comunidade de fala onde estão inseridos. A temática “crenças e atitudes linguísticas”, contempla ainda outros assuntos relevantes, tais como política linguística e revitalização de línguas minoritárias, por exemplo. Aguilera e Silva (2014) prospectam a necessidade de se intensificar e expandir pesquisas nesse ramo da sociolinguística, tendo em vista um país tão extenso, multilíngue e multifacetado como o Brasil.

Diante disso, o presente estudo objetiva analisar as crenças e atitudes linguísticas de falantes macapaenses diante do fenômeno do rotacismo que consiste na alternância da consoante lateral alveolar sonora [l] por um som rótico [r], por exemplo, *blusa* por *brusa*. O ponto de partida para essa incursão adveio de dados encontrados no Atlas Linguístico do Amapá (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017), o qual registra o fenômeno do rotacismo em vários municípios do Estado do Amapá, menos na capital Macapá. Assim, desvelar as atitudes e os comportamentos linguísticos, ou seja, os julgamentos dos interlocutores para com a variante constitui-se o objeto e o foco desse trabalho.

O embasamento teórico-metodológicos adotado alicerçou-se nos princípios da Sociolinguística laboviana, como também em estudos que tratam das crenças e atitudes linguísticas, principalmente os advindos de Lambert e Lambert (1968), ancorados na concepção mentalista. Nesse sentido, com a intenção de aprofundar o tema e discutir os resultados, foram consultadas as literaturas de Moreno Fernández (2009), Bem (1973), Botassini (2013), Aguilera e Silva (2014), Cardoso (2015), dentre outros.

Para materializar a pesquisa, constituiu-se como corpus uma amostra de 08 colaboradores naturais da cidade de Macapá/AP, estratificados nas variáveis extralinguísticas: sexo (homem e mulher); escolaridade (ensino médio e superior) e faixa etária (primeira 18 a 30 anos e segunda acima de 50 anos de idade). Utilizou-se como instrumento para a coleta de dados um questionário composto por 10 perguntas fechadas, as quais contemplam os três componentes das atitudes a saber: cognitivo, conativo e afetivo. O inquérito foi aplicado a partir da técnica *matched guise test* ou “falsos pares”. Para a análise dos dados adotou-se a abordagem quanti-qualitativa descritiva, a fim de aferir as respostas dos questionários.

Isso posto, tencionando melhor entendimento do tema, este artigo está organizado da seguinte maneira: Introdução; aporte teórico; procedimento metodológico; análise e discussão dos resultados; e por fim, as considerações finais e as referências.

## Aporte teórico

Essa seção apresenta as definições dos termos “crenças” e “atitudes” conferidas aos âmbitos social e linguístico. As crenças e atitudes estão estritamente conectadas, ou seja, ao falar de uma alude-se à outra, entretanto, tendo em vista melhor entendimento de cada termo, optou-se por apresentá-los separadamente. Em alguns estudos, por exemplo, Bem (1973) e Botassini (2013) encontrou-se os termos crença e atitude descritos distintamente. Assim sendo, valeu-se das perspectivas dos autores mencionados, como também de outros localizados no corpo do texto.

Os termos “crenças” e “atitudes” pertencem aos campos de estudos das áreas da antropologia, psicologia, sociologia, etnografia, sociolinguística, dentre outras. Em face dessa dimensão, limita-se abordar aqui, apenas os conceitos e definições advindos da psicologia social e sociolinguística, com acréscimo da linguística aplicada. Esta última é a que mais desenvolve o conceito de “crença” no terreno do ensino de língua materna e estrangeira, por esta razão, buscou-se nas literaturas da área algumas definições.

### Definições de Crenças e Atitudes linguísticas

A palavra “crença” vem do latim “credentia”, advinda do verbo “credere”, que no português brasileiro significa “acreditar”. De maneira dicionarizada, seguem as definições: “convicção íntima”; “opinião que se adota com fé e convicção”; “ato ou efeito de crer”; “fé religiosa” (AURELIO, 2014). Esses sentidos de crença remetem ao entendimento de verdade, mesmo que essa verdade não tenha valor empírico experienciado. Ou seja, é uma disposição mental, cognitiva e neural, no qual acredita-se em pessoas, entidades ou coisas.

Conforme Bem (1973), “crença” são as concepções, as convicções coletivamente formadas da qual emergem a compreensão do próprio ser humano e do meio em que vive. Para o autor, o ser humano efetua juízo de valor (julgamentos), em valor positivo ou não a respeito de suas experiências do mundo, objeto social ou de alguém. Depreende-se como objeto social, muitas coisas, entre as quais, uma língua, uma variedade linguística ou dialeto, por exemplo (LAMBERT; LAMBERT, 1968).

Nesses termos, a definição de “crença” fica compreendida como um elemento avaliativo do indivíduo, e segundo Bem (1973), constitui o elemento cognitivo da atitude. As crenças caracterizadas como subjetivas e avaliativas, alicerçam os parâmetros cognitivos para os gostos e as antipatias. Pagani e Scabari (2022) asseveram que a atitude é movida pela crença e pelas avaliações que a crença faz acerca de um determinado objeto social. A atitude manifestada pelo indivíduo baseia-se, então, nos conhecimentos, saberes e crenças sobre uma pessoa, grupo social, entidades, língua, de si mesmo, etc.

Do ponto de vista sociolinguístico, o termo “crença linguística” foi utilizado pela primeira vez por Willian Labov durante a realização de sua pesquisa sobre a estratificação social do /r/ nas lojas de departamento da cidade Nova Iorque, no qual inseriu a temática da avaliação social. A avaliação social diz respeito aos julgamentos subjetivos do falante no que tange à própria variedade linguística e à de seus interlocutores. Labov (2008) estudou a variação do som do /r/, isto é, a presença ou ausência deste som em posição pós-vocálica. Para tanto, utilizou-se dos vocábulos “fourth floor” que referência ao “quarto andar” das três lojas pesquisadas, as quais eram à época estratificadas socialmente.

Os resultados confirmaram a principal hipótese do teórico, ou seja, o componente social influenciava na realização do som /r/. Além disso, o autor observou que o uso

inconstante da variável /r/ parecia afetar os julgamentos, quer dizer, as crenças linguísticas dos entrevistados (os funcionários) em relação à classe social daqueles falantes (os clientes). Labov (2008) afirma que as crenças linguísticas de um grupo social dizem respeito a um conjunto de verdades culturais impostas a cada indivíduo desse grupo.

Hora (2015) assevera que a variação linguística carrega um significado social, e conseqüentemente ocasiona diferentes reações no ouvinte, as quais podem representar muito de suas crenças linguísticas. Logo, esses comportamentos linguísticos dos indivíduos reverberam como “um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem compartilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão” (LABOV, 2008, p. 176).

Barcelos (2007) com relação à temática, desmistifica a concepção estática das crenças linguísticas, definindo-as como dinâmicas sociais e individuais, contraditórias e paradoxais. Conforme evidencia a autora, as crenças mudam ao longo do tempo e espaço, entretanto, não ocorre de maneira imediata ou instantânea nos indivíduos. Tais mudanças advêm da interação social, das experiências com o meio, as quais ocorrem de maneira direta ou não. As crenças atuam de maneira social, como também individual, em detrimento a capacidade de cada indivíduo assimilar de modo distinto eventuais experiências (BARCELOS, 2007).

No que diz respeito aos estudos de atitudes, foi no início da década de 70 que os psicólogos sociais, Lambert e Lambert (1968), alinhados com as ideias de que as crenças e as atitudes são fundamentadas em atividades psicológicas, focalizaram seus estudos, sobretudo, nas atitudes. Para os autores, as atitudes definem-se como:

uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir, e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir (LAMBERT; LAMBERT, 1968, p. 78).

Para os autores, as atitudes são responsáveis por desempenhar as funções essenciais na determinação do nosso comportamento e percepção. Elas ajudam a determinar os grupos com os quais nos associamos, as profissões que escolhemos e até a filosofia de vida que adotaremos. Conforme os pressupostos desses psicólogos, “uma atitude está formada quando esses componentes se encontram de tal modo inter-relacionados que os sentimentos e tendências reativas específicas ficam coerentemente associados com uma maneira particular de pensar em certas pessoas ou acontecimentos” (LAMBERT; LAMBERT, 1968, p. 78).

Corroborando com as ideias dos autores, o sociolinguista Moreno Fernández (2009) definiu atitude linguística como uma manifestação da atitude social dos indivíduos, as línguas, as variantes linguísticas e os dialetos. Para o autor, as atitudes linguísticas manifestadas pelos usuários podem ser do tipo favoráveis (positivas) ou desfavoráveis (negativas). Citando como exemplo o fenômeno do rotacismo, se as atitudes dos falantes forem manifestadas positivamente, o uso da variante tenderá a continuar na comunidade de fala. Porém, caso as atitudes sejam negativas, a variante incorrerá na descontinuidade de uso e tenderá ao apagamento. Depreende-se que as manifestações das atitudes linguísticas são cruciais para a vitalidade ou não das línguas naturais.

Em síntese, as atitudes humanas refletem uma reação, um julgamento, um sentimento frente a um objeto social (teoria, língua, pessoas, redes sociais, etc.) e são construídas e influenciadas por fatores sociais e culturais. Para Lambert e Lambert (1968)

quando não consolidadas podem ser modificadas por novas experiências e aprendizados, no entanto, após solidificadas em seus elementos, tornam-se mais difíceis de serem alteradas. Considera-se uma atitude formada do indivíduo quando ocorre a junção, isto é, a soma dos três componentes estruturantes que a compõem (AGUILERA, 2008).

Lambert e Lambert (1968) foram os primeiros a introduzirem a linguagem como objeto de pesquisa no âmbito das atitudes. Essa incorporação efetuou-se a partir de um estudo acerca do bilinguismo franco-inglês realizado na cidade de Montreal, Canadá. Como mencionado anteriormente, um objeto social pode ser: língua, variedade linguística ou dialeto. Logo, mediante a essa incorporação, à atitude social pode ser usada para referir-se à atitude linguística, a qual diz respeito ao modo como o indivíduo avalia o seu interlocutor e, ao mesmo tempo, se avalia (BOTASSINI, 2013).

Lambert e Lambert (1968) foram adeptos da concepção mentalista, a qual concebe a atitude linguística como um estado mental ou uma disposição neural que não pode ser observada diretamente, entretanto, com o uso de técnicas e métodos adequados pode ser inferida e aferida. Desse modo, os autores desenvolveram uma técnica sistemática capaz de inferir e medir as atitudes chamada de *matched guise test* ou “falsos pares”.

### A perspectiva adotada para estudar e aferir as atitudes linguísticas

Ao realizar um estudo sobre atitudes linguísticas, torna-se imperativo assumir uma abordagem teórica: behaviorista ou mentalista. A princípio, cada uma define seus componentes estruturais, igualmente, os métodos e as técnicas para medi-los e quantificá-los. Na concepção mentalista, por exemplo, a atitude compõe-se por três componentes: cognitivo, conativo e afetivo. Além disso, para essa concepção as crenças compreendem um componente das atitudes, ou seja, crenças e atitudes estão estreitamente imbricadas.

A abordagem behaviorista ou comportamentalista leva em consideração apenas o componente conativo ou comportamental. Essa abordagem teórica surgiu nos Estados Unidos no início do século XX, com o objetivo de estudar o comportamento humano de maneira objetiva e científica. Skinner (1953) figura como um dos principais expoentes dessa teoria, tendo estudado o comportamento humano e seus condicionamentos.

Para esse estudo adotou-se a teoria mentalista pautada na proposta metodológica de Lambert e Lambert (1968). Nesse sentido, Moreno Fernández (2009), aponta dois métodos de estudos das atitudes, normalmente, empregados quando se faz uso dessa concepção, os métodos diretos e os indiretos. As medições diretas utilizam questionários e entrevistas, porém, aplicados junto ao informante, os inquéritos podem ser de estruturas abertas ou fechadas. Por outro lado, as medições indiretas, se desenvolvem junto ao informante sem que ele tenha consciência do propósito da investigação.

Dentre as medições indiretas, a mais conhecida é a técnica *matched guise test* ou “falsos pares”, proposta por (LAMBERT; LAMBERT, 1968). Essa técnica tem como propósito deprender e mensurar atitudes linguísticas dentro dos três componentes fundamentais das atitudes. Ressalta-se que para este estudo utilizou-se do método indireto e da técnica *matched guise test* com aplicabilidade de um questionário quantitativo.

Silva (2012) faz uma ressalva para o uso das técnicas utilizadas para aferir/medir atitudes, tanto na teoria comportamentalista quanto na mentalista. Segundo a autora, tanto uma quanto a outra apresentam dificuldades de análises em decorrência da complexidade de aferir aspectos internos, tais como as questões cognitivas ou afetivas. Na concepção mentalista, os métodos diretos e indiretos em face ao seu caráter artificial, podem induzir, por exemplo, as respostas dos informantes (SILVA, 2012).

Após essas ressalvas, a autora ressalta a possibilidade de unir métodos diferentes ou lançar mão de padrões sociolinguísticos, como as variáveis extralinguística (sexo,

idade, escolarização, procedência, dentre outras) com vistas a um aproveitamento mais acertado dos dados. Desse modo, nessa pesquisa valeu-se do aporte teórico da sociolinguística variacionista, com destaque ao uso das variáveis sociais: sexo, idade, escolaridade e procedência. Em resumo, tem-se como embasamento teórico-metodológicos os princípios da sociolinguística laboviana e das crenças e atitudes linguísticas, sobretudo os de Lambert e Lambert (1968). Objetiva-se com isso, coletar e analisar os dados da pesquisa de maneira mais ajustada, coerente e produtiva.

### **Procedimento metodológico**

Nesta seção tem-se o percurso metodológico da pesquisa, destacando-se as hipóteses, perguntas de pesquisa, objetivos, seguidos da descrição sobre o tipo de pesquisa realizado, o perfil dos sujeitos da pesquisa e os instrumentos de coleta de dados.

#### *Hipóteses, questões investigativas e objetivos*

A carta fonética F03 do Atlas linguístico do Amapá – (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017) apresenta o registro do rotacismo linguístico realizado no falar amapaense, na posição silábica de ataque complexo, porém somente em 6% dos dados analisados, ou seja, 94 % evidenciam o não uso desse fenômeno. Além do mais, na cidade de Macapá, não houve evidências dessa variante. Diante disso, emergiram os questionamentos: De que maneira os falantes macapaenses avaliam a forma linguística roticizada, manifestada por seu interlocutor? Em quais variáveis sociais, crenças e atitudes pesam para a (des) continuidade ou apagamento da variante. A partir desses questionamentos, formulou-se as seguintes hipóteses: a) Falantes macapaenses, tendem a ter uma atitude linguística negativa quanto à variante roticizada; b) O componente afetivo da atitude linguística é decisivo à (des) continuidade de uso da variável rótica.

Visando encontrar respostas a essas questões, tem-se como objetivo principal deste estudo investigar crenças e atitudes linguísticas de falantes macapaenses frente ao fenômeno do rotacismo. De maneira específica, busca-se descrever essas crenças e atitudes, considerando as variáveis extralinguísticas: sexo, faixa etária e nível de escolaridade, e examinar em que medida as atitudes manifestadas negativas ou positivas contribuem para a continuidade de uso ou apagamento da variante roticizada.

#### *Tipo de pesquisa*

Esse trabalho se desenvolveu à luz dos pressupostos metodológicos da sociolinguística variacionista e das contribuições advindas de Lambert e Lambert (1968). Recorreu-se ainda às referências dos trabalhos de Botassini (2013), Cardoso (2015), Bem (1973), Silva (2012), dentre outros, para aprofundar as análises e discussões acerca das crenças e atitudes linguísticas. Como mencionado em parágrafos anteriores, adotou-se para esse trabalho a concepção mentalista, a qual é assumida pelos autores citados.

Nesse sentido, para coletar os dados, valeu-se do método direto, com uso da técnica *matched guise test* ou falso pares, proposta por Lambert e Lambert (1968). Essa técnica tem como propósito, depreender e mensurar atitudes linguísticas dentro dos três componentes essenciais das atitudes: O cognoscitivo (saber/crença); o afetivo (sentimento/valoração) e o conativo (conduta/comportamento). A ser assim, foi necessário aplicar um questionário com perguntas direcionadas aos componentes.

Quanto ao tipo de abordagem, legitimou-se a do tipo quanti-qualitativa, visto que os resultados foram apresentados em dados quantificados em números percentuais,

expostos em tabelas, as quais permitem visualizações e interpretações das informações. Além do mais, o caráter qualitativo possibilita olhares mais profícuos e complexos do comportamento humano, tais como, percepções, atitudes, sentimentos, ações e posicionamentos. As duas abordagens complementam-se de alguma forma, pois em algumas situações, a quantitativa precisa de explicações qualitativas (MARCONI; LAKATOS, 2021).

Em síntese, os procedimentos adotados nesta pesquisa resultam da junção epistemológica dos fatores psicológicos, sociais e linguísticos. No campo psicológico, utilizou-se da concepção mentalista e seu método indireto, apoiado na técnica *matched guise*. Nos campos sociais e linguísticos, buscou-se na sociolinguística variacionista métodos para estratificar o perfil social dos informantes e chegar-se aos seus usos linguísticos.

### *Perfil dos informantes*

A escolha dos falantes para compor o corpus desse estudo seguiu algumas orientações e critérios alinhados com os objetivos e pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista. Esses falantes foram distribuídos nas categorias sociais de sexo/gênero, escolaridade, idade e procedência. Definiu-se que todos os colaboradores fossem da localidade - ponto de inquérito, filhos de pais amapaenses e que não tenham se afastado da cidade de origem por um período equivalente a um terço de sua vida. Assim, totalizam-se 08 (oito) colaboradores. O quadro 1 seguinte aponta o perfil da amostra.

**Quadro 1** – Amostra estratificada para a formação do *corpus* da pesquisa

Nº Informantes	Procedência	Sexo	Escolaridade	Faixa Etária
01	Macapá	M	Ensino Médio	18 a 30 anos
02	Macapá	M	Ensino Médio	50 anos acima
03	Macapá	M	Ensino Superior	18 a 30 anos
04	Macapá	M	Ensino Superior	50 anos acima
05	Macapá	F	Ensino Médio	18 a 30 anos
06	Macapá	F	Ensino Médio	50 anos acima
07	Macapá	F	Ensino Superior	18 a 30 anos
08	Macapá	F	Ensino Superior	50 anos acima

Fonte: Elaboração própria.

Em resumo, tem-se 08 (oito) falantes distribuídos equitativamente da seguinte forma: sexo/gênero (04 homens e 04 mulheres); faixa etária (primeira de 18 a 30 anos e acima de 50 anos de idade); escolaridade (ensino médio e superior). Esses foram os critérios utilizados para definir o perfil dos participantes dessa investigação.

### *Descrição dos instrumentos utilizados para a coleta de dados*

Para coletar os dados realizou-se uma entrevista estruturada com os colaboradores, na qual empregou-se um questionário com 10 perguntas objetivas. Estas contemplaram os três componentes das atitudes, o inquérito foi aplicado a partir da técnica *matched guise teste* ou “falsos pares”. A respeito desse teste, Labov (2008) denomina-o de reação subjetiva, isto pois, segundo o autor, os padrões linguísticos estão sujeitos à avaliação social positiva ou negativa.

Neste estudo, essa técnica desenvolveu-se da seguinte maneira: selecionou-se um falante natural da cidade de Macapá, com idade entre 50 a 55 anos de idade, curso superior completo, com boa dicção, pronúncia, bom ritmo, altura e timbre de voz, além de boa

leitura para gravar um áudio em que faria a leitura de um texto, com marcas do fenômeno do rotacismo. Com os mesmos requisitos, o texto foi gravado por uma mulher macapaense com 32 anos de idade, entretanto, sem o emprego das marcas do rotacismo.

Os dois áudios serviram de estímulos aos informantes “juízes” para responder o questionário quantitativo com perguntas específicas sobre a variante e a pessoa dona da fala (voz). Assim, os informantes-juízes da pesquisa ouviam os áudios e, após a audição, de acordo com sua opinião, respondiam ao questionário, marcando um x em uma das quatro alternativas: concordo, concordo parcialmente ou discordo e discordo parcialmente. As respostas concordo e concordo parcialmente, classificam-se como positivas, e discordo e discordo parcialmente, negativas.

O questionário deste estudo foi produzido seguindo o modelo de outras pesquisas que abordam a temática das crenças e atitudes linguísticas, aqui enfatiza-se as pesquisas de Botassini (2013) e Cardoso (2015), mas com as devidas adequações à realidade sociolinguística dos falantes macapaenses. Hora (2015) ressalta que os falantes efetuam juízo de valor para com as variantes que seus interlocutores usam, assim como para com a própria maneira de falar. Considerando essa perspectiva do autor, bem como dos demais autores referenciados ao longo do texto, segue o próximo tópico.

### **Análise e discussão dos resultados**

Nesta seção, apresentam-se os resultados obtidos a partir das análises feitas com base nas respostas dos falantes macapaenses ao questionário. Buscou-se aferir as atitudes manifestadas pelos informantes: positivamente ou negativamente, tendo em vista as características atribuídas por eles, à fala e ao interlocutor dono da voz do áudio-estímulo, referente à reprodução do fenômeno do rotacismo.

Cabe ressaltar que, para esse estudo, apresenta-se os resultados somente das seis primeiras questões. As respostas dos informantes foram representadas em dados percentuais, organizadas em tabelas especificados por variáveis sociais, como pode ser visto a seguir.

#### *Análise de atitudes linguísticas dos falantes moradores de Macapá*

Cumprir informar que as perguntas 01 e 02 contemplam o componente da atitude cognitivo (saber/crença), são elas respectivamente: A fala que você acabou de ouvir é conhecida? A fala que você acabou de ouvir é importante? Os questionamentos 03 e 04 correspondem ao componente conativo (comportamento), seguidamente, tem-se: A fala que você acabou de ouvir é prestigiada? A fala que você acabou de ouvir é simples? As perguntas 05 e 06 aludem ao componente das atitudes (sentimento/gosto), nessa ordem, são elas: A fala que você acabou de ouvir é bonita? A fala que você acabou de ouvir é agradável? As respostas dadas às perguntas foram somadas, como sugere Aguilera (2008), e os resultados seguem abaixo. Ressalta-se que a tabela 1 apresenta de maneira percentual as respostas dos informantes para cada componente das atitudes.

**Tabela 1** – Atitudes linguísticas manifestadas para cada um dos componentes

<b>Componentes</b>	<b>Respostas positivas</b>	<b>Respostas negativas</b>
Cognitivo	33,3%	0%
Conativo	6,3%	27,1%
Afetivo	2,1%	31,2%

Fonte: Elaboração própria.



Ao todo, participaram da pesquisa 8 pessoas, sendo que cada uma respondeu 6 perguntas, totalizando 48 respostas. O componente cognitivo marcou 16 respostas positivas, equivalente a 33,3% dos dados. Observa-se 0% nas respostas negativas, pois nenhum dos colaboradores marcou uma das alternativas propostas para a marcação de negação. O componente conativo conferiu 3 respostas positivas, correspondendo a 6,3% dos dados, e 13 negativas, equivalente a 27,1%. O componente afetivo recebeu apenas 1 resposta positiva, equivalente a 2,1% dos dados. Quanto à resposta negativa, conferiu-se 15, correspondendo a 31,2%. Para a tabela 1, são essas as observações a serem realizadas. Maiores detalhes e discussões seguem nas próximas 2, 3 e 4.

**Tabela 2** – Atitudes linguísticas frente ao fenômeno do rotacismo a partir da variável sexo/gênero

VARIÁVEL SOCIAL	AVALIAÇÃO	
	Positiva	Negativa
Sexo/gênero		
Homens	45,8%	54,2%
Mulheres	37,5%	62,5%

Fonte: Elaboração própria.

Os valores percentuais observados em Macapá, revelam que os homens apresentam 45,8% de atitudes positivas e 54,2% de atitudes negativas; por outro lado, as mulheres revelaram 37,5% de atitudes positivas e 62,5% de atitudes negativas frente ao fenômeno do rotacismo. O julgamento dos informantes-juizes para a forma linguística roticizada resultou, de modo geral, em atitudes negativas, manifestadas em ambos os sexos, entretanto, os percentuais femininos destacam maior rejeição. As respostas dos “juizes”, encontram-se no domínio dos componentes das atitudes linguísticas de Lambert e Lambert (1968). Diante disso, o componente cognitivo recebeu avaliação positiva por homens e mulheres, tal fato mostra que estes reconhecem a existência da variante. Contudo, as perguntas direcionadas aos componentes conativo e afetivo, receberam em sua maioria respostas desfavoráveis (negativas). Sendo que na variável sexo, as mulheres apresentaram os maiores índices de avaliação negativa (atitude) frente ao objeto social, sobretudo, no que tange ao componente afetivo. Esse elemento mostra que o comportamento e o apreço linguístico feminino recebem maior monitoramento, isto é, as mulheres tendem a repetir mais os padrões da norma culta da língua do que os homens (LABOV, 2008). Assim, o resultado evidenciou que o sexo feminino concentrou maiores índices de atitudes linguísticas negativas para o ponto de inquérito macapaense.

**Tabela 3** – Atitudes linguísticas frente ao fenômeno do rotacismo a partir da variável faixa etária

VARIÁVEL SOCIAL	AVALIAÇÃO	
	Positiva	Negativa
Faixa etária		
18 a 30 ano	37,5%	62,5%
acima de 50 anos	45,8%	54,2%

Fonte: Elaboração própria.

A referida variável aponta atitudes positivas correspondentes a 37,5% e atitudes negativas de 62,5% para os informantes de 18 a 30 anos. Já entre os falantes acima de 50 anos, ocorrem 45,8% de atitudes positivas e 54,2% de atitudes negativas. Acredita-se que o equilíbrio nas respostas dessa última faixa etária ocorre em detrimento das experiências, vivências e conhecimento dos informantes. Isso se justifica, pois todos os informantes-juizes nessa faixa etária apresentaram avaliação positiva para o componente que evidencia saber, conhecimento e crença.

Os jovens, no entanto, apresentaram atitudes negativas para a variante, fato evidenciado no componente conativo e principalmente no afetivo, com nenhuma resposta favorável. Embora haja consciência linguística dos informantes em reconhecer a existência da forma linguística roticizada, não se manifestou sentimento, empatia ou apreço por ela. Posto isso, sabe-se que comportamentos linguísticos favoráveis ou desfavoráveis atuam em consonância com o valor dado sobre o objeto social (FROSI et al., 2010). Dessa forma, Moreno Fernández (2009) aponta que atitudes negativas provocam impactos na vitalidade de uma língua ou variedade linguística, causando descontinuidade de uso ou apagamento.

**Tabela 4** – Atitudes linguísticas frente ao fenômeno do rotacismo a partir da variável escolaridade

VARIÁVEL SOCIAL	AVALIAÇÃO	
	Positiva	Negativa
Nível de Escolaridade		
Ensino Médio	29,1%	70,9%
Ensino Superior	54,1%	45,9%

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados apontados na tabela 4, revelam que os falantes de ensino médio demonstram 29,1% de atitudes positivas e 70,9% de atitudes negativas. Já os de ensino superior, refletem 54,1% positivas e 45,9% negativas. Considerando as variáveis anteriores (sexo e faixa etária), verificamos que os percentuais referentes às atitudes positivas foram menores frente às avaliações negativas. Entretanto, a variável escolaridade mostra que os julgamentos dos informantes-juizes de nível superior são positivos, fato atestado nos valores percentuais. Por outro lado, os percentuais dos informantes de nível médio expressam atitudes negativamente elevadas, com destaque as respostas dadas as perguntas voltadas ao componente afetivo.

Além disso, é possível que os informantes de nível médio manifestem crenças linguísticas a respeito do uso de variedades menos prestigiadas. Santos (2020) em pesquisas realizadas com alunos do ensino médio, evidenciou cinco das oito crenças postuladas por Bagno (2015), que ainda persistem nas atitudes dos discentes. Com relação aos falantes de nível superior, os resultados positivos coadunam com os vistos em Furtado (2020) que também apontaram percentuais positivos com falantes com esse nível de escolaridade.

Diante do exposto, é possível dizer que o nível de consciência linguística dos informantes de nível superior contribuiu para seus julgamentos frente a variante roticizada. Isso porque o componente cognitivo mostrou-se positivo, nesse nível de escolaridade. Contudo, esse fato não impede o uso ou continuidade de uso da referida variante, pois o componente afetivo mostra-se determinante para que isso ocorra ou venha a ocorrer.

### Considerações finais

A partir das análises realizadas para as questões de 01 a 06, depreende-se que os componentes conativos e afetivos mostraram-se determinantes para as atitudes dos falantes macapaenses se configurarem como negativas frente ao fenômeno do rotacismo, sobretudo, o afetivo. O componente voltado ao conhecimento, crenças e saberes (cognitivo) mostrou-se estável, com destaque para a variável social escolaridade, no qual os informantes-juizes de nível superior mostraram, a partir de suas respostas, evidências de consciência sociolinguística. Tal fato fica evidente nos percentuais da avaliação positiva ser maior que a negativa.

De maneira geral, esses resultados comprovam as duas hipóteses levantadas nessa pesquisa. A primeira diz respeito à avaliação social dos macapaenses rumarem para o aspecto negativo diante da variante roticizada. A segunda coaduna com o componente voltado aos gostos, sentimentos, antipatias (afetivo) ser decisivo na continuidade de uso ou não da variante. A princípio, não se pode dizer ou afirmar que uma variante estigmatizada ou com pouco valor social não possa voltar a fazer parte da fala do usuário, como também de sua comunidade linguística. Contudo, para além da valoração ou identidade linguística assumida pelo falante, deve existir a influência maciça de grupos de reconhecimento socioeconômico e cultural, tal como observou-se nos estudos de Labov (2008) acerca do uso do /r/ em Nova York.

Por fim, a materialização desse estudo atingiu seus objetivos e contemplou as indagações e hipóteses levantadas. Os resultados revelam o quanto as crenças e atitudes linguísticas dos indivíduos são decisivas para a (des) continuidade de uma variante, aqui enfatizou-se o rotacismo. Espera-se que esse estudo inspire ou sirva de base para outros trabalhos com essa temática na Amazônia amapaense.

## Referências

AGUILERA, Vanderci Aguilera. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. **Rev. Estudo Linguístico**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 105-112, maio/ago.2008. Disponível em: <http://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos>. Acesso em: 05 jun. 2023.

AGUILERA, Vanderci Aguilera; Silva, Hélen Cristina da. O poder de uma diferença: Um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. **Alfa**, São Paulo, v. 58, n. 3, p. 703-723, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1409-8>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/kymhBpzQ37Pn6JWZJqZbJFz/?lang=pt>. Acesso em: 08 jun. 2023.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56. ed. São Paulo: Parábola, 2015.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de língua. **Rev.Bras. Linguist. Apl**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 109-138, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982007000200006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/qfzDkyppVRGDMQWCGm6K9SQ/?lang=pt>. Acesso em: 06 jun. 2023.

BEM, Daryl Jay. **Convicções, atitudes e assuntos humanos**. Tradução: Carolina Marusseli Bori. São Paulo: EPU, 1973. 208 p.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná**. 2013. 227 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

CARDOSO, Denise Porto. **Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros**. São Paulo: Blucher, 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. Curitiba: Editora Positivo, 2014. 2120 p.

FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. **Estigma: cultura e atitudes linguísticas**. Caxias do Sul: Educs, 2010.

FURTADO, Raquel Maria Silva; SILVA, Gabriele Maria Muniz. As crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes sobre os ideofones da variedade linguística do português falado em Cametá-PA. **Rev. Moara**, Belém, v.1, n. 55, p. 279-301, jan/jul, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/issue/view/428> Acesso em: 08. maio. 2023.

HORA, Dermeval da; MARTINS, Marco Antônio; SAVAREDA, Mônica Guimarães. (orgs.). **Identidade social e contato linguístico no português brasileiro**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno; Maria Marta Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. 392 p.

LAMBERT, William Wilson; LAMBERT, Wallace Earl. **Psicologia social**. Tradução: Álvaro Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. p. 172.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Erva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de Sociolingüística y sociología del lenguaje**. 4.ed. Barcelona: Ariel Letras, 2009.

PAGANI, Ed Carlos; SCABORI, Kauana. O falar diferente no interior do Espírito Santo: Pelo aporte teórico de crenças e atitudes linguísticas. **Entretextos**, Londrina, v. 22, n. 1, p. 05-21, jan./jun. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5433/1519-5392.2022v22n1p05>. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/44359>. Acesso em: 08 jun. 2023.

RAZKY, Abdelhak; RIBEIRO, Celeste Maria da Rocha Ribeiro; SANCHES, Romário Duarte. **Atlas linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.

SANTOS, Frank de Sousa. **Crenças linguísticas no ensino de língua materna**. São Paulo: Paco Editorial, 2020.

SILVA, Hélien Cristina da. **O /R/ caipira no triângulo mineiro: um estudo dialetológico e de atitudes linguísticas**. 2012. 171 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012. Disponível em: [https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/dissertacao\\_silva\\_helen.pdf](https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/dissertacao_silva_helen.pdf). Acesso em: 30 maio. 2023.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Behaviorismo: Ciência do Comportamento Humano**. Brasília: Ed. UnB/FUNBEC, 1953.

*Recebido em 15 de junho de 2023.*

*Aprovado em 19 de agosto de 2023.*